

**Maternagens plurais desconstruindo imagens de controle no Instagram:
uma análise interpretativa do perfil @maecrespa¹**João Victor Fernandes Santana de Oliveira²Maria Collier de Mendonça³

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

RESUMO

O presente estudo parte do feminismo matricêntrico e do feminismo negro interseccional para investigar como o perfil @maecrespa critica a cultura da maternidade patriarcal e descontrola imagens de controle (arquétipos racistas reproduzidos pela mídia). Os resultados preliminares revelam que essa influenciadora ressignifica a maternidade e maternagem como práticas políticas, subvertendo arquétipos desumanizantes ao exibir afeto, autonomia e sucesso profissional, além de abordar desafios como o racismo e a sobrecarga materna.

PALAVRAS-CHAVE

maternidade; maternagem; interseccionalidade; imagens de controle; Instagram.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta resultados preliminares de uma pesquisa de iniciação científica, que está em andamento, e investiga representações maternas no Instagram, focando em perfis que contestam a cultura da maternidade patriarcal. Utilizando perspectivas teóricas do feminismo matricêntrico (O'Reilly, 2016) e do feminismo negro interseccional (Hill Collins; Bilge, 2021), o estudo analisa como mães influenciadoras digitais, especialmente mulheres negras brasileiras, constroem contranarrativas críticas.

Neste resumo expandido, o perfil analisado, @maecrespa, é estudado como um exemplo de resistência à cultura da maternidade patriarcal e à desconstrução das “imagens de controle” (Hill Collins, 2019) — representações estereotipadas que perpetuam opressões de raça, gênero e classe.

A pesquisa destaca o Instagram como um espaço midiático ambivalente que, por um lado, reproduz valores patriarcais mas, por outro, permite a disseminação de

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GTNE22 - Narrativas contra-hegemônicas associadas às materialidades digitais, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Estudante de Graduação do 3.º semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da UFPE, email: joao.jvfso@ufpe.br

³ Orientadora do trabalho, Professora do Curso de Publicidade e Propaganda da UFPE, email:

narrativas empoderadas, articuladas por influenciadoras que amplificam pautas identitárias e questionam hierarquias estruturais.

FEMINISMO MATRICÊNTRICO

Como uma justificativa para a própria existência do feminismo matricêntrico, a pesquisadora Andrea O'Reilly — professora titular na Escola de Estudos de Gênero, Feminismos e Estudos das Mulheres na Universidade de York, em Toronto, Canadá — argumenta que a maternidade é o assunto pendente do feminismo acadêmico. Por esse motivo, propõe a construção de uma teoria, política e prática feministas, centradas nas questões maternas, a qual chamou de feminismo matricêntrico (O'Reilly, 2016). O'Reilly também identificou dez pressupostos ideológicos que fundamentam a cultura da maternidade patriarcal e tornam a maternagem opressiva para as mulheres. São eles: essencialização, privatização, individualização, naturalização, biologização, normalização, especialização, intensificação, idealização e despolitização da maternidade (O'Reilly, 2013, apud Collier de Mendonça, 2021) .

Apesar do caráter opressivo dos pressupostos, O'Reilly (2016) ressalta que, por terem sido construídos socialmente, esses pressupostos também podem ser desconstruídos. Tal desconstrução abre espaços para questionamentos sobre a narrativa culturalmente dominante, ou seja, a maternidade patriarcal, viabilizando, então, a criação de contranarrativas de maternagem empoderada.

INTERSECCIONALIDADE E IMAGENS DE CONTROLE: MECANISMOS DE OPRESSÃO E ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA

Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021) apontam que o conceito de interseccionalidade, cunhado por Kimberlé Crenshaw em 1989, nos ajuda a compreender várias desigualdades socioeconômicas, a partir dos estudos sobre como raça, classe, gênero, idade, cidadania e outras categorias posicionam as pessoas no mundo, tornando alguns grupos mais vulneráveis do que outros.

Nesse contexto de opressões interseccionais, Patricia Hill Collins (2019) conceitua imagens de controle como representações estigmatizantes e desumanizantes que afetam as mulheres negras — como os arquétipos da “*mammy*” (mulher negra subversiente) e da “mãe dependente do Estado” —, que transcendem caricaturas

culturais para se tornarem ferramentas políticas históricas, vinculadas ao colonialismo, à escravidão e ao capitalismo. Essas imagens, disseminadas pela mídia, educação e discursos pseudocientíficos, naturalizam hierarquias sociais ao reduzirem mulheres negras a corpos objetificados e ao moldarem expectativas comportamentais, perpetuando a marginalização dessa população e afetando materialmente seu acesso a direitos como emprego, saúde e justiça (Hill Collins, 2019).

No entanto, Hill Collins (2019) enfatiza que as mulheres negras não são passivas diante dessas imagens. Muito pelo contrário, são justamente elas quem redefinem o que é ser uma mulher negra e, assim, desenvolvem contranarrativas para reagirem às imagens de controle: “As mulheres emergentes perceberam que uma das formas de sobreviver ao desrespeito cotidiano e aos ataques diretos inerentes às imagens de controle é “se rebelar”.” (ibid, p. 211).

ANÁLISE DO CORPUS

Criado por Aline Barbosa, mãe solo negra, o perfil @maecrespa tornou-se uma referência na discussão sobre maternidade negra e autoestima. Com mais de 24 mil seguidores, em abril de 2025, a influenciadora combina relatos pessoais sobre a criação de seus filhos com reflexões críticas sobre racismo, especialmente no contexto da educação infantil. Seu conteúdo propõe uma maternagem antirracista e confronta estereótipos associados à figura da *Mammy* — arquétipo que reduz mulheres negras a cuidadoras subalternas (Hill Collins, 2019) — ao ressignificar o ato de cuidar.

Figura 1 - Perfil Mãe Crespa¹



Fonte: @maecrespa, 2025

Além disso, a influenciadora contesta os pressupostos da idealização e despolitização da maternidade ao destacar os desafios cotidianos de criar crianças negras em uma sociedade marcada pelas desigualdades raciais. Suas postagens frequentemente adotam fotografias de momentos familiares com textos sobre identidade

¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/maecrespa/>. Acesso em: 1. Abr de 2025

racial ou depoimentos sobre a sua vivência interseccional como uma mulher negra e mãe.

Figura 1 - Mãe Crespa²



Fonte: @maecrespa, 2024

Nesse vídeo, a influenciadora narra como nunca desejou assumir o papel de mãe, pela responsabilidade associada ao ato de maternar e, mesmo assim, ela conseguiu encontrar satisfação através da maternagem. A narrativa da influenciadora, ao ressignificar a maternagem como uma escolha autônoma e fonte de satisfação pessoal, e não como um destino compulsório associado à domesticidade, vai contra a imagem de controle da *Mammy* — construção arquetípica que nega a subjetividade da mulher negra como um corpo instrumentalizado e dedicado ao bem estar alheio, geralmente o de famílias brancas —, analisada por Patricia Hill Collins (2019).

Ao escolher a maternagem em seus próprios termos, a influenciadora Aline Barbosa desafia a cultura da maternidade patriarcal, disseminada pela supremacia branca, rejeitando a convenção de que seu trabalho de cuidado poderia ser um recurso explorado socialmente. Como nos lembra nos bell hooks (2007), a resistência política e social das mulheres negras começou dentro de casa, pois elas tiveram de criar lares nos quais a subjetividade das pessoas negras fosse respeitada, transformando suas casas em

² Disponível em:

https://www.instagram.com/reel/DBd3wBCR_WI/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em 27. Mar de 2025

comunidades de resistência em todo mundo, sobretudo em sociedades regidas pela supremacia branca.

Figura 2 - Mãe Crespa 2³



Fonte: @maecrespa, 2024

No vídeo acima, a influenciadora @maecrespa sorri e interage afetuosamente com seus filhos, subvertendo a imagem de controle da matriarca, construção estigmatizante que retrata mães negras como figuras autoritárias, excessivamente rígidas e emocionalmente distantes (Hill Collins, 2019). Ao exibir cenas de alegria compartilhada e cuidado com a presença materna, desconstrói essa narrativa ao mostrar que o afeto também pode ser uma prática cotidiana de resistência.

Hill Collins (2019) também destaca que arquétipos como o da matriarca servem para deslegitimar laços familiares negros, associando-os à uma disfuncionalidade resultante do racismo e da pobreza. O vídeo, no entanto, exibe uma cena de fortalecimento de vínculos, no qual a maternagem expressa afeto e autenticidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As imagens de controle, estudadas por Patricia Hill Collins (2019), revelam-se um conceito-chave para analisar criticamente aspectos simbólicos e culturais que

³ Disponível em:

https://www.instagram.com/reel/DAuLAclxTG1/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em 27. Mar de 2025

sustentam sistemas de opressão materna. Ao examinar como arquétipos racistas, sexistas e classistas são instrumentalizados para naturalizar hierarquias sociais, é possível entender que tais representações não são meras distorções culturais, mas projetos de desumanização de mulheres negras (ibid.).

O caso analisado, entretanto, demonstra que essas imagens não são estáticas nem incontestáveis. Ao reivindicar autonomia sobre suas escolhas e narrativas através de seu perfil digital, a influenciadora subverte imagens de controle. Assim, ela expressa e contribui para a construção de contranarrativas de maternagens plurais autênticas.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Ações Afirmativas (PIBIC-Af/UFPE/CNPq), com recursos do Edital PROPESQI nº 004/2024.

REFERÊNCIAS

COLLIER DE MENDONÇA, M. Maternidade e maternagem: os assuntos pendentes do feminismo. **Revista Ártemis**, [S. l.], v. 31, n. 1, 2021. DOI: 10.22478/ufpb.1807-8214.2021v31n1.54296. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/54296>. Acesso em: 3 abr. 2025.

HILL COLLINS, Patricia. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Boitempo editorial, 2019.

HILL COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

HOOKS, bell. Homeplace as a site of resistance. In: O'REILLY, Andrea (org.). **Maternal Theory. Essential Readings**. Toronto: Demeter Press, 2007. p. 266-273.

O'REILLY, Andrea. **Matricentric Feminism. Theory, Activism, Practice**. Bradford: Demeter Press, 2016.